

PSICOPEDAGOGIA HOSPITALAR: UM NOVO HORIZONTE DE INCENTIVO A CUIDAR DA SAÚDE.

MORELATO, Eliane D Ribeiro¹

2734456

SANTOS, Valério Xavier dos²

RESUMO

A falta de informação sobre a função do psicopedagogo no ambiente hospitalar leva o equívoco a respeito da sua prática. Já que, a psicopedagogia hospitalar vem sendo adota por instituições que se conscientizaram da importância em atender a esse público que está afastado do ambiente escolar e da sociedade em razão da sua enfermidade. Assim sendo, apesar de esse profissional fazer parte da equipe multidisciplinar do hospital, o (a) psicopedagogo (a) possui funções bem específicas. Então, de acordo com a abordagem tradicional seu papel é garantir a continuidade dos estudos para os pacientes. Entretanto, existe uma nova proposta na qual o psicopedagogo hospitalar contribui auxiliando todos os envolvidos no tratamento com os objetivos de: Construir um atendimento humanizado e direcionado, dar continuidade no processo de ensino-aprendizagem e auxiliar na recuperação dos pacientes. Logo, os resultados esperados com esse trabalho é demonstrar para a sociedade a importância do psicopedagogo para a classe hospitalar e como ele impacta na recuperação e no aprendizado dos pacientes/alunos. Por conseguinte, esse trabalho teve como base uma pesquisa bibliográfica e explicativa, usando como suporte artigos, documentos, revistas.

Palavras-Chaves: Ensino-aprendizagem. Espaços não escolares. Psicopedagogia Hospitalar.

1. INTRODUÇÃO

Sabemos que a educação não ocorre apenas na escola convencional, pois o processo educativo é amplo, por isso pode acontecer em diferentes locais. Assim, no hospital, podem ser desenvolvidas práticas pedagógicas que proporcionam o desenvolvimento dessas crianças em diferentes aspectos. É muito importante lembrar que o psicopedagogo hospitalar não é psicólogo, ou seja, não tem habilitação pra assumir essa função. Tampouco, não é enfermeiro,

¹ Aluno do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso. P s i c o p e d a g o g i a - 8º Semestre, 2021.

² Professor Orientador no Centro Universitário Internacional UNINTER.

isto é, não pode e não deve assumir os procedimentos hospitalares. Muito menos médico, pois não deve discutir os diagnósticos e nem pode ter acesso aos prontuários. Logo, fica cada vez mais nítido a importância da presença de multiprofissionais e dentre eles o psicopedagogo no ambiente hospitalar. Então, o atendimento psicopedagógico no hospital pode ser feito em instalação própria para essa finalidade (classe hospitalar), na enfermaria, no leito ou no quarto de isolamento.

Nesse sentido, é indicado um espaço adequado, de preferência ao ar livre para que sejam desenvolvidas as atividades pedagógicas, sempre levando em consideração a capacidade clínica do educando hospitalizado. Assim sendo, psicopedagogia hospitalar situa – se numa inter-relação entre os profissionais da equipe médica e a educação. Tanto pelos conteúdos da educação formal, como também para a saúde e para a vida. Então, o psicopedagogo faz parte da equipe multidisciplinar que atende de forma específica os pacientes que se encontram no ambiente hospitalar. Nota-se que a psicopedagogia hospitalar é uma modalidade da educação que surgiu das políticas públicas que visam oferecer educação às crianças e adolescentes que por algum tipo de tratamento de saúde são impedidos de dar continuidade aos estudos na sala de aula regular.

Nesse sentido, é importante destacar que a classe hospitalar tem seu início em 1935, quando Henri Sellier inaugura a primeira escola para crianças inadaptaadas nos arredores de Paris, com o objetivo de suprir as dificuldades escolares de crianças tuberculosas, direcionando atenção e preocupação com as crianças hospitalizadas. Nesse sentido, o objetivo geral que será procurado atingir com esse artigo é: Demonstrar a importância do (a) psicopedagogo (a) na área hospitalar, ou seja, buscando compreender o papel desse profissional no dia a dia do acompanhamento do paciente. E os objetivos específicos: Identificar as metodologias utilizadas pelo (a) psicopedagogo (a) na área hospitalar, conhecer como esse profissional contribui juntamente com a equipe multidisciplinar na promoção da saúde dos pacientes e buscar novas estratégias pedagógicas para serem inseridas no âmbito hospitalar. Assim, esse trabalho foi produzido com o intuito de chamar a atenção da sociedade para a atuação do psicopedagogo na área hospitalar, isto é, buscando entender o seu papel e como eles dão continuidade no processo de ensino-aprendizagem para que alunos que estão em recuperação. Por conseguinte, esse trabalho será realizado por

meio de uma pesquisa bibliográfica qualitativa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

A educação nas sociedades primitivas ocorria de maneira simples e estava ligada ao cotidiano dos indivíduos. Segundo Lima e Silva (2012), essa forma de educação foi fundamental para educação da humanidade.

A educação entre os povos primitivos foi fundamental para o início do desenvolvimento educacional da humanidade. Como exemplo básico dessa forma de educar, é possível citar as sociedades primitivas localizadas no centro da África, que se educavam de uma maneira peculiar e heterogênea por meio da Educação Difusa ou, como também era chamada, educação por imitação, processo em que os jovens e crianças repetiam os gestos praticados pelos adultos, desenvolvendo assim, habilidades e técnicas necessárias ao seu dia a dia (LIMA E SILVA, 2012, p.6).

A presença dos mitos e lendas foi outro elemento importante para a educação nas sociedades tribais. Severino (2014, p.200) enfatiza a importância da educação difusa nas sociedades tribais:

[...] através da educação difusa é possível passar o conhecimento e os costumes de geração para geração de forma oral. As sociedades tribais ensinam baseadas no saber mítico, que fundamenta os fenômenos naturais nos deuses, exemplos, como deus da chuva, deus do sol e assim por diante.

Ademais, Severino (2014) destaca que, além de ensinamentos orais, outros ensinamentos aplicados no cotidiano eram passados a cada geração. As crianças aprendiam a partir de imitações dos gestos dos adultos nas atividades diárias e nos rituais: aprendiam a caçar, pescar e a pastorear, assim como assimilavam as atividades da agricultura. Justamente por não existir a escola tal qual a conhecemos, os ensinamentos eram práticos, solidificados no dia a dia de cada grupo e respeitavam o contexto social e histórico. Por meio desse tipo de educação era possível desenvolver e aperfeiçoar as habilidades das crianças e dos adultos, já que é na vida diária que as crianças apreendem novos conhecimentos, sem que haja a necessidade de um professor ou um mestre como nos modelos de educação formal e escolarizada da sociedade moderna.

Nesse contexto, a partir dos anos 1970, os educadores, organizados em sindicatos e associações, passam a lutar pela defesa do ensino público de

qualidade para todos. A Constituição de 1988 gerou muita euforia e esperança por representar a possibilidade de democratização, e a LDB acabou por ser buscada como uma lei de caráter especial, por conta da abrangência. Com o passar dos anos, a lei sofreu muitas mudanças, apresentando, no aniversário de 20 anos de sua promulgação, 32 emendas, o que mostrava que o debate e o envolvimento popular sobre as demandas da educação haviam se mantido. As mudanças buscadas estão mais atreladas ao desejo de inclusão do processo educativo de sujeitos até o momento pouco contemplados (SEVERINO, 2014), como afrodescendentes, indígenas, adultos com pouca ou nenhuma escolaridade. Portanto, é importante destacar que as discussões também incluíam o aumento do tempo de permanência na escola, a garantia de maior controle quantitativo e qualitativo do desempenho escolar dos estudantes, a consolidação da educação infantil, a implementação de um currículo de base nacional e garantias de formação de professores, bem como a organização das funções do magistério com estabelecimento de ações concretas.

2.1.2 A ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES

A educação tem como principal fundamento a busca e transmissão dos saberes no processo educativo das civilizações mais remotas da história da humanidade. Assim, o caminho para o aprendizado e formação do ser humano sempre foi permeado pelas atividades pedagógicas, com dinamismo nos aspectos da imaginação, da criatividade e interatividade. Entre tantas atividades, os jogos e brincadeiras se tornaram ao longo do processo de ensino aprendizado, atividades indispensáveis no desenvolvimento da aprendizagem da criança. Então, a psicopedagogia tem como papel:

Ela contempla uma abordagem ampla e integrada do sujeito a fim de compreender o seu aprender em todos os sentidos, a saber, em relação ao significado de aprender, à construção da estruturação lógica, a um aprisionamento do corpo, a uma ressignificação de um organismo com problemas e outros. (WOLFFENBUTTEL, 2005, p.18).

À vista disso, o psicopedagogo deve realizar as articulações de maneira coletiva as ações e atividades que são desenvolvidas nas instituições escolares, com o escopo de que todos que fazem parte da equipe escolar possam ter

ciência das suas atribuições e competências dentro do âmbito das escolas. Ademais, vale destacar que ele não atua apenas nas escolas, entretanto, exigem outros espaços não escolares que esse profissional poderá exercer sua função, como por exemplo, hospitais. Vale destacar que em espaços que não seja escola, o psicopedagogo também exerce um papel de extrema importância de realizar a mediação e articulação do processo de ensino-aprendizagem.

O psicopedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana previamente definidos em sua contextualização histórica (LIBÂNEO, 2001, p. 28).

Dessa forma, o psicopedagogo é o profissional da educação que tem a finalidade de estudar os processos de aprendizagem que envolve crianças, adolescentes e adultos. Assim sendo, ele tem o escopo de realizar a identificação de dificuldades e possíveis transtornos que estão interferindo no processo de assimilação do conteúdo abordado, logo, a psicopedagogia faz o uso da psicologia e também da antropologia com o intuito de aferir o comportamento do educando. Ademais, ela também pode promover intervenções em caso de evasão escolar ou fracasso. Logo, assim como o pedagogo ele pode atuar em diversas áreas como já mencionado, mas ele trabalha tanto com a parte do aprendizado quanto com a parte da mente das pessoas, a fim de compreender quais são os obstáculos que afetam o processo de assimilação das informações. Assim, vale destacar que ele não é um psicólogo, entretanto, é um profissional da educação que dialoga com os alunos/pacientes com o intuito de orientá-los e descobrir o que está afetando a aprendizagem.

Figura 1.1 – Papel do psicopedagogo (a)



Fonte: Pinterest.

À vista disso, independentemente da sua área de atuação, isto é, na clínica ou na escola, por exemplo, o psicopedagogo (a) é procurado a partir do momento que uma criança, adolescente ou adulto está com dificuldades no processo de aprendizagem. Assim, como as crianças estão na idade escolar, elas são a grande parte dos pacientes do psicopedagogo. Desse modo, com o avanço cada vez mais rápido das ferramentas tecnológicas, os educandos passam a ter dificuldade para absorver tanta informação compartilhada, afetando assim o seu desenvolvimento motor.

2.1.3 A PSICOPEDAGOGIA HOSPITALAR

A psicopedagogia hospitalar tem como escopo central auxiliar em processos que envolva a aprendizagem e não se pode esquecer o desenvolvimento emocional, cognitivo e educacional, sempre buscando a

recuperação e desenvolvimento de potencialidades do paciente que está com dificuldade de absorção de um conteúdo ou informação. Desse modo, através de atendimentos individualizados o psicopedagogo vai procurar entender o que está dificultando o paciente a aceitar uma notícia e informação, isto é, através de uma maneira estratégica ele vai “entrando” na mente da pessoa para que ela aceite ou compreenda a situação que ela esteja enfrentando.

A classe hospitalar foi criada com o objetivo de assegurar às crianças e aos adolescentes hospitalizados a continuidade dos conteúdos regulares possibilitando um retorno após a alta sem prejuízos à sua formação escolar (PORTO, 2001, P. 42)

Pode – se dizer que a psicopedagogia na área hospitalar tem o intuito de auxiliar no desenvolvimento cognitivo e educacional, atuando assim de forma preventiva e interativa, construindo um ambiente propício para a recuperação do paciente. Assim, além da função de dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem as crianças, adolescentes ou adultos em fase de recuperação por motivo de doença, ela promove uma aceitação nos pacientes; construindo através de atividades lúdicas, interativas e pedagógicas, um ambiente humanizado e harmônico. Nesse sentido, o pedagogo e o psicopedagogo trabalham de forma coletiva para que as pessoas não fiquem assustadas e compreenda que o tratamento é crucial para a recuperação e que em curto prazo elas estarão em suas casas.

De fato, a Psicopedagogia vai além da aplicação da psicologia á pedagogia, pois não pode ser vista sem um caráter interdisciplinar que implica a dependência da contribuição teórica e prática das outras áreas de estudo para se constituir como tal. Por outro lado, a Psicopedagogia não é apenas o estudo de atividades psíquicas das crianças e nos princípios que daí decorre, visto que ela não se limita a aprendizagem da criança, mas abrange todo o processo de aprendizagem e reaprendizagem (PORTO, 2013, p. 11).

Nesse contexto, é de extrema importância na área hospitalar uma equipe multidisciplinar que faça o acompanhamento do paciente de forma integral no que tange a enfermidade, logo, o trabalho do psicopedagogo e do pedagogo são considerados interdependentes nesse processo de recuperação e socialização da pessoa que está internada. Logo, eles criarão condições de aprendizagem e

de acolhimento da doença e sempre buscando um atendimento humanizado e com afetividade.

O trabalho do psicopedagogo implica que este seja um trabalho interdisciplinar, pois envolve vários problemas que se apresentam. Além disso, o profissional deve integrar-se em um trabalho de equipe, o que exige uma harmonia com os outros membros, para que se efetive um trabalho de articulação e coordenação (ZUMPANO, 2013, p. 23)

À vista disso, a finalidade da intervenção psicopedagógica que se realiza na classe hospitalar visa garantir direitos básicos do ser humano como, por exemplo, o direito a saúde, a educação e a cidadania buscando sempre o pleno desenvolvimento do indivíduo. Nesse sentido, o profissional de psicopedagogia presta a função de assessoria a pedagogos aos quais exercem suas atividades na área hospitalar. Por conseguinte, o psicopedagogo deve passar tranquilidade, afetividade e amor aos pacientes, uma vez que ele será o profissional que entrará no universo das pessoas procurando entender suas necessidades e dificuldades através de recursos lúdicos, dando assim continuidade no processo de ensino e preservando a saúde delas.

Figura 1.2 – Diferenças entre as classes regulares e as hospitalares

Quadro 1 – Diferenças entre as classes regulares e as classes hospitalares	
Classe Regular	Classe Hospitalar
Alunos na mesma série	Alunos em séries diferentes
Alunos moram no mesmo município ou em local próximo	Alunos moram em municípios e/ou estados diferentes
Convívio diário entre os alunos	Grande parte dos alunos se conhece no momento da aula
Configuração normal de sala de aula com lousa, carteiras, murais, etc	Configuração diferenciada: duas salas, com poucas mesas, cadeiras e armários
Aproximadamente trinta alunos por classe	Número de alunos varia de acordo com a demanda do setor
Alunos matriculados pelo período de um ano	Não há constância e frequência precisa dos alunos
Professores vão às salas de aula	Alunos se dirigem à sala, exceto quando impossibilitados. No caso, a aula é realizada no leito
Conteúdos organizados em uma sequência	A temática planejada tem de ser iniciada e finalizada no mesmo período
Atividades que envolvem exercícios físicos podem ser realizadas sem restrições	Deve-se atentar às limitações apresentadas pelos alunos-pacientes
Existe a possibilidade de propor e de “cobrar” atividades extraclasse	Pode-se deixar como sugestão algumas atividades extraclasse, sem “cobrar” sua execução

Fonte: Pepsic.bvsalud.org

Por conseguinte, dizer que cada vez mais os psicopedagogos devem estar preparados para novos desafios em um mundo em constantes mudanças e com o avanço tecnológico em alta. Ademais, vale mencionar que da forma que um professor aprende, ele vai repassar aos seus educandos, logo, em uma instituição ou clínica quando se quer mudar algo, vai depender da formação que os profissionais que ali trabalham e da cultura do profissional, ou seja, desde tempos de universidade é necessário que estude metodologia, com o objetivo de conhecer as diversas possibilidades didáticas. Pois, quando os educadores estiverem diante alguma dificuldade, ele terá “armas” para procurar outros métodos de ensinar. Assim sendo, atualmente, o que espera do psicopedagogo é que ele seja criativo e buscando sempre mais conhecimento que possa agregar valor no desenvolvimento das aulas, e isso vale para os educandos que está cursando o ensino superior. Outrossim, é de suma importância que os psicopedagogos estejam sempre em contato com o aluno, conhecendo – o, entrando no mundo que eles vivem a partir do seu contexto de vida.

Por isso, a inserção da diversidade nos currículos implica compreender as causas políticas, econômicas e sociais de fenômenos como etnocentrismo, racismo, sexismo, homofobia e xenofobia. Falar sobre diversidade e diferença implica posicionar-se contra os processos de colonização e dominação. É perceber como, nesses contextos, algumas diferenças foram naturalizadas e inferiorizadas sendo, portanto, tratadas de forma desigual e discriminatória. É incorporar no currículo, nos livros didáticos, no plano de aula, nos projetos pedagógicos das escolas os saberes produzidos pelas diversas áreas e ciências articulados com os saberes produzidos pelos movimentos sociais e pela comunidade (LIMA e TRINDADE, 2009, p. 34).

Pode – se afirmar que a escola ou o hospital por ser um ambiente de socialização e convívio social, deve ter um ensino voltado para todos, isto é, independente da classe social, origem, religião, etnia e outros aspectos dos educandos e de toda equipe escolar. Então, o processo educacional deve estar mais direcionado a pluralidade cultural, uma vez que se nota a presença de educandos com diversos aspectos culturais. Assim sendo, esses espaços têm que preparada para a diversidade cultural, logo é de suma importância traçar um planejamento pedagógico de forma estratégica.

Quando o sujeito está aprendendo, se envolve inteiramente. O processo, assim como seu resultado, repercutem de forma global. Assim, o aluno, ao desenvolver as atividades escolares, aprende não

só sobre o conteúdo em questão mas também sobre o modo como aprende, construindo uma imagem de si como estudante. Essa autoimagem é também influenciada pelas representações que o professor e seus colegas fazem dele e, de uma forma ou de outra, são explicitadas nas relações interpessoais do convívio escolar. Falta de respeito e forte competitividade, se estabelecidas na classe, podem reforçar os sentimentos de incompetência de certos alunos e contribuir de forma efetiva para consolidar o seu fracasso. (BRASIL, 1997, p. 101).

Nesse sentido, o psicopedagogo como um agente direto do processo de ensino-aprendizagem, sempre deve estar atento sempre algum “sintoma” de preconceito, discriminatório. Então, ele deve sugerir adaptações nos currículos escolares ou de espaços não escolares, com a finalidade de que eles contemplem à diversidade, multiculturalismo, o respeito e a inclusão de todos no processo de ensino, buscando o pleno desenvolvimento do aluno. Desse modo, o psicopedagogo deve sempre levar em consideração que cada educando possui necessidades e particularidades que são específicos deles, considerando – os como o centro de toda ação pedagógica no âmbito escolar e na comunidade. Nesse contexto, vale destacar que cada estudante são seres sociais, políticos e culturais, então, são as suas peculiaridades, necessidades que incorporam novos métodos a serem trabalhados em sala de aula.

2.1.4 A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO PARA O PSICOPEDAGOGO

O planejamento é um instrumento fundamental, o motivo de todo o trabalho pedagógico de forma consciente. Por conseguinte, ele tem o papel de orientar o educador na sua trajetória pedagógica em busca de melhorar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Ademais, vale mencionar a interdisciplinaridade que é um fenômeno que está sendo muito utilizado no âmbito escolar e não escolares, uma vez que objetiva um conhecimento de forma integrada, isto é, almeja um conhecimento ao qual não seja partido em diferentes áreas isoladas, que se afastam do mundo real. Então, ela possibilita superar a perspectiva do isolamento das variadas áreas com escopos de estudos abstratos. Por conseguinte, pode – se dizer que a interdisciplinaridade realiza a difusão do conhecimento, a fim de integrar conhecimentos e a formação dos atores sociais.

O prefixo 'inter' dentre as diversas conotações que podemos lhes atribuir, tem o significado de 'troca', 'reciprocidade', e 'disciplina', de 'ensino', 'instrução', 'ciência'. Logo, a interdisciplinaridade pode ser compreendida como sendo a troca, de reciprocidade entre as disciplinas ou ciências, ou melhor áreas do conhecimento (FEREIRA apud FAZENDA, 1998, p. 21-22).

Desse modo, a ação interdisciplinar de forma concisa é a interação entre educadores ou psicopedagogos, alunos e conhecimento, em que buscam construir um saber baseado em uma ação mútua. Por conseguinte, a aplicação da interdisciplinaridade no contexto educativo é eficaz, uma vez que o objetivo não é só compartilhar conhecimentos, mas também interagir, sentir, entrar no universo do que está sendo explicado. Assim sendo, a temática da interdisciplinaridade é compreendida como uma forma de trabalhar em sala de aula, no qual se propõe um tema com abordagens em diferentes componentes curriculares. É construir algo inovador, que vise à ampliação de sabedorias bem como a incorporação de novas sabedorias, ultrapassando o pensar fragmentado. Por conseguinte, a interdisciplinaridade está para além da compreensão de interação entre duas ou mais disciplinas, "ela apresenta possibilidades diversas de intercambio por inúmeros fatores como: espaciais, temporais, econômicos, demográficos, sociais, epistemológicos". (FURLANETTO, 2014, p. 61).

O professor que insistir no seu papel de fonte e transmissor de conhecimento está fadado a ser dispensado pelos alunos da escola e da sociedade em geral. O novo papel será o de gerenciar, de facilitar o processo de aprendizagem (D'AMBRÓSIO, 1998, p. 80).

Portanto, pode – deduzir que o psicopedagogo deve sempre procurar desenvolver um atendimento diferenciado, em uma linguagem que o educando/paciente possa entender, então, sempre ele tem que planejar, montar um plano pedagógico antes de desenvolver atividades com os alunos. E, ainda, vale destacar que toda aprendizagem está impregnada nas relações afetivas, uma vez que a partir das interações sociais, e culturais entre professor e aluno, estas contribuem para que haja uma aprendizagem mais relevante para o aluno, na qual a trama que se tece entre alunos, professores e conteúdo escolar não acontece puramente no campo cognitivo.

2.1.5 A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DE ATIVIDADES LÚDICAS

Pode – se afirmar que jogos e brincadeiras na psicopedagogia tem um potencial imenso, já que desenvolve as chamadas competências socioemocionais que faz uma enorme diferença no aprendizado. Assim, ela é um estimulante aos alunos/pacientes, uma vez que lança mão de comportamentos naturais das pessoas, por exemplo, a competitividade, a recompensa e a socialização.

O jogo é mais do que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico. Ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica. É uma função significativa, isto é, encerra um determinado sentido. No jogo existe alguma coisa "em jogo" que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação. Todo jogo significa alguma coisa. (HUIZINGA, 2014, p.4)

Assim sendo, é nessa linha de pensamento que funciona a prática de jogos no âmbito escolar e na escolar, apesar de que em um primeiro momento pensamos que é a criação de um simples jogo educacional, entretanto deve – se deixar nítido que essa metodologia ativa usa os elementos do jogo com o objetivo de inseri – los nas atividades que são propostas, isto é, fazer a transformação do jogo em tarefa. Logo, pode – se definir que uso de metodologias criativas, quando aplicada no processo educativo, como uma ferramenta de integração de elementos e estratégias dos jogos ao processo de ensino-aprendizagem, com a finalidade de promover o engajamento discente por intermédio da motivação pessoal e do envolvimento emocional; com o intuito de atingir os conteúdos propostos no currículo pedagógico.

As práticas de jogos e brincadeiras, ao contrário das aulas expositivas convencionais, não colocam o aluno em posição passiva na aquisição de conhecimentos e em seus processos de aprendizagem. Pelo contrário, a prática dessas metodologias prezam pela participação ativa do aluno (ALVES e COUTINHO, 2016, p. 222)

Então, segundo Gonçalves (2006, p.138) a prática de jogos respeita critérios como: “estratégias cognitivas a serviço do jogo; número de participantes e a relação entre eles enquanto jogam e o vigor da atividade física”. Nesse sentido, essas três perspectivas, se leva em consideração para qualquer tipo de jogos e brincadeiras com diferentes dimensões. Logo, os jogos que são

indicados para a psicopedagogia hospitalar devem ser em função dos objetivos, motores, sensoriais e psíquicos, em função do grau de escolaridade, simples quando existe pouca movimentação e regras simplificando complexos, quando existe movimentação difícil e regras mais elaboradas, quanto ao nível de maturidade do grupo, jogos elementares, pequenos jogos de iniciação esportiva.

O lúdico torna-se válido para todas as séries, porque é comum pensar na brincadeira, no jogo, na fantasia como atividades relacionadas apenas na infância. Na realidade, embora predominante neste período, não se restringe somente ao mundo infantil (RONCA, 1989, p.99)

À vista disso, pode – se afirmar que o lúdico é de suma importância em qualquer faixa etária, uma vez que os aspectos lúdicos são importantes instrumentos na mediação do processo de aprendizagem, em especial das crianças, já que elas vivem em um universo de encantamento, fantasia, no qual o faz de conta e as realidades se misturam, favorecendo o uso do pensamento, a concentração, o desenvolvimento social, pessoal e cultural, o que facilita o processo de construção do conhecimento.

A educação lúdica, além de contribuir e influenciar na formação da criança e do adolescente, possibilitando um crescimento, sadio, um enriquecimento permanente, integra-se ao mais alto espírito de uma prática democrática, enquanto investe em uma produção séria de conhecimento. Sua prática exige a participação franca, criativa, livre, crítica, promovendo a interação social e tendo em vista o forte compromisso de transformação e modificação do meio (ALMEIDA, 2003, p. 57).

Nesse contexto, atividades lúdicas auxiliam o educando a lidar com sentimentos, visando contribuir para o amadurecimento e colaborando para as decisões que tomará posteriormente em sua vida. Assim sendo, a prática de atividades lúdicas tem uma relevância fundamental na pedagogia e na formação do ser humano. Pode - se dizer que educação lúdica se caracteriza por todas as atividades que proporcionam prazer àqueles que as praticam, sejam crianças ou não. Então, realizar a inserção de atividades lúdicas ao processo de ensino-aprendizagem é importantíssimo para o desenvolvimento do aluno, como exemplo disso pode – se citar o jogo, já que a prática de jogos desperta e motiva a criança, constituindo-se não apenas em uma forma de divertimento, mas fonte que contribui e enriquece o desenvolvimento intelectual do aluno.

2.1.6 Metodologia

Para o referido estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a qual valeu de teóricos contemporâneos e clássicos que trabalham com questões da afetividade no processo da aprendizagem, buscou-se obter o máximo de informações e alguns esclarecimentos que contribuíram para a resolução dos problemas que foram aqui apresentados. Então, a razão de ter escolhido a Psicopedagogia Hospitalar se deu pelo fato de que é uma área que tenho profundo amor e simpatia. Assim sendo, esse artigo teve como base documentos já publicados que proferem sobre a atuação do psicopedagogo na classe hospitalar.

Quadro 1 – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Instrumento de coleta de dados	Universo pesquisado	Finalidade do Instrumento
Documentos	Foram pesquisados em (documentos, artigos, livros, revistas).	Esses documentos foram bases para a construção do projeto de pesquisa. Pois, toda informação é essencial para construção da base teórica.

Fonte: CAVALCANTI e MOREIRA (2008)

Nesse sentido, a pesquisa utilizou a abordagem qualitativa, utilizando artigos científicos, monografias como base para fundamentar o tema proposto. Então, como foi utilizada uma pesquisa bibliográfica, os principais autores que foram base para o projeto foram (PORTO, 2013), (PORTO, 2001), (WOLFFENBUTTEL, 2005). O propósito do referido artigo, foi coletar dados para que fosse comprovada que a atuação do psicopedagogo é de grande relevância não só no âmbito escolar como também em outras áreas como, por exemplo, nos hospitais. Assim sendo, através da pesquisa ficou evidenciado que através do atendimento desse profissional se pode compreender o motivo que está impedindo o aluno/paciente a não absorver uma informação ou conteúdo; buscando estratégias para saná-lo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O psicopedagogo deve ter um olhar atento e minucioso, buscando visualizar as dificuldades/problemas que estão acontecendo com os educandos/pacientes e controlando o “clima” dos alunos, então, após isso será criado um plano de ação a fim de tornar o processo de ensino-aprendizagem eficaz. Nesse contexto, esse profissional sempre deve prezar pela construção de um relacionamento afetivo com os estudantes, já que relações afetivas geram respeito de forma mútua, de atenção e cuidado, promovendo um ensino organizado e interativo. Desse modo, é de suma importância que os pedagogos e psicopedagogos na prática pedagógica passem a considerar os aspectos culturais, as origens dos seus alunos, procurando sempre os motivar através de metodologias estratégicas diferenciadas, já que cada estudante tem necessidades específicas. Assim sendo, na escola ou espaços não escolares se deve prezar pelo respeito, por relações afetivas, ou seja, o educador deve sempre abrir um espaço de escuta para o aluno, procurando entender suas dificuldades e criando métodos pedagógicos para saná – las. Dessa forma, pode – se afirmar que a função do educador/psicopedagogo é formar cidadãos, logo, nesse sentido ele deve estar aberto a mudanças a fim de criar estratégias para melhorar o processo de ensino-aprendizagem.

Por conseguinte, o professor não se deve ficar preso ao ensino tradicional, àquele que apenas compartilha os conteúdos e aplicam uma avaliação de aprendizagem, mas sim deve buscar um ensino eficiente e participativo, que entre no universo do aluno, construindo ferramentas inovadoras que facilitem a absorção do processo de ensino-aprendizagem. Por conseguinte, atualmente, deve – se preocupar com a aprendizagem dos estudantes e não com os resultados produzidos. Nesse sentido, a psicopedagogia hospitalar tem o objetivo de motivar os pacientes, de compreender suas dificuldades e dar continuidade no processo de ensino. Vale destacar que esse profissional sempre tem que utilizar uma linguagem simples, buscando entrar no universo do aluno/paciente, e sempre trabalhando de forma multidisciplinar, isto é, de forma conjunta com outros profissionais com o intuito de criar um ambiente harmonioso

e propicio a restauração do paciente.

4 REFERÊNCIAS

ALVES, Lynn. COUTINHO, Isa de Jesus. (orgs). **Jogos digitais e aprendizagem**: fundamentos para uma prática baseada em evidências. Campinas: Papirus, 2016.

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação Lúdica**: técnicas e jogos pedagógicos. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2003. 283 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: uma introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em 19 jul. 2021.

D' AMBRÓSIO, Ubiratan. **Etnomatemática**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1998.

FAZENDA, I. C. A. (Org.). **Didática e interdisciplinaridade**. 9. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.

HUIZINGA, John. **O Jogo Como Elemento de Cultura**. São Paulo: Perspectivas, 1980.

LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G. **Formação dos profissionais da educação – visão crítica e perspectivas de mudança**. Educação e Sociedade, Campinas, n. 68.

LIMA, Francisco; SILVA, Fabiana. **Barreiras atitudinais: obstáculos à pessoa com deficiência na escola**. 2012. Disponível em: Acesso em: 17 jul. 2021.

LIMA, Maria Batista; TRINDADE, Azoilda Loretto da. Africanidades, currículo e formação docente: desafios e possibilidades. In: MELO, Maros Ribeiro de; LIMA, Maria Batista; LOPES, Edinéia Tavares (Org.). **Identidades e alteridades**: debates e práticas a partir do cotidiano escolar. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

PORTO, O. **Psicopedagogia Hospitalar: Intermediando a Humanização na Saúde**, Edição I, 2001.

_____, O. **Psicopedagogia institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico**. São Paulo: Wak Editora; 2013.

RONCA, P.A.C. **A aula operatória e a construção do conhecimento**. São Paulo: Edisplan, 1989.

SEVERINO, Antonio J. **Dimensão ética da investigação científica**. Revista Práxis Educativa, UEPG, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p. 199-208, 2014.

WOLFFENBUTTEL, Patrícia. **Psicopedagogia: teoria e prática em discussão**. Novo Hamburgo: Feevale, 2005.

ZUMPANO, Gabriela. **Psicopedagogia: processo histórico, ambientes e técnicas de atuação**. 38f – UNESP, Rio Claro, 2013.